

FHC aposta em crescimento para conduzir sucessão presidencial

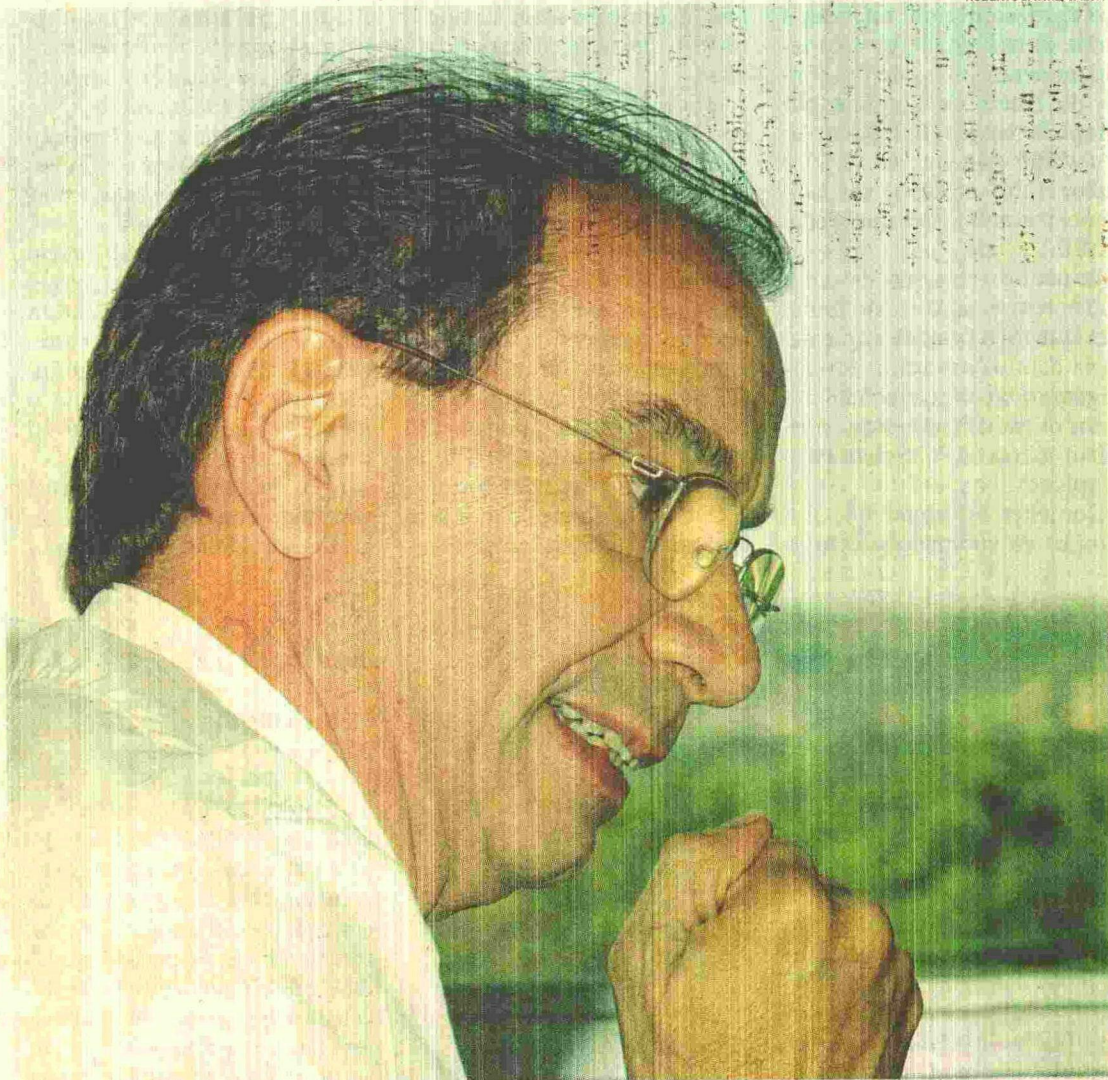
Ricardo Amaral
e Marcelo de Moraes
De Brasília

A aposta do governo em um Orçamento para 2001 com forte ênfase em investimentos públicos na área social é mais um indicador de que o presidente Fernando Henrique Cardoso trabalha para recuperar sua imagem, de forma a ter instrumentos para conduzir sua sucessão em 2002. O viés eleitoral da proposta deverá se repetir no ano seguinte, se um acidente de percurso, como o impacto do novo choque de petróleo, não influir nos planos de retomada do crescimento e de mais gastos sociais. "Pela primeira vez o governo tem condições de propor um orçamento que contemple esses dois objetivos e faremos tudo para executá-lo com eficiência", disse ao **Valor** o secretário-geral da Presidência, Aloysio Nunes Ferreira.

A decisão de retomar a iniciativa política com vistas às eleições presidenciais tem inspirado outras atitudes do governo. Ontem, por exemplo, depois de ouvir o ministro do Trabalho, Francisco Dornelles, FHC decidiu estender a todos os trabalhadores a correção dos saldos do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) decidida pelo Supremo Tribunal Federal, e não apenas aos que recorreram à Justiça, para recuperar perdas de planos econômicos dos anos 80 e 90.

Dornelles é um dos auxiliares do presidente com maior sensibilidade política. Percebeu que novas batalhas judiciais em torno do assunto só trariam desgaste ao governo. No mesmo lance, conseguiu tomar uma bandeira da oposição.

Pelo mesmo motivo, o presidente estuda sugestão do ministro da Saúde, José Serra, para antecipar o anúncio de uma proposta de reajuste do salário mínimo, que inclua algum ganho real além da recomposição de compra do valor das aposentadorias, previsto no Orçamento de 2001 em 5,57%. "Sempre haverá desgaste na questão do mínimo, mas ele pode ser reduzido se nos anteciparmos ao debate com



Aloysio: "Pela primeira vez, governo tem condições de contemplar crescimento e gasto social em Orçamento viável"

uma proposta viável", disse Nunes Ferreira.

A crença de que é possível melhorar a imagem do governo é reforçada pela última pesquisa de opinião do instituto MCI, realizada na terça-feira, que mostra uma consistente, embora lenta, recuperação dos indicadores de avaliação do governo, otimismo em relação ao futuro e confiança na estabilização da economia.

Não são resultados favoráveis, tomando os números absolutos, mas mostram uma tendência de recuperação, depois de o governo ter encontrado o fundo do poço da impopularidade, há três meses. Exemplo: a avaliação do governo FHC, que em 17 de julho era de 39% "ruim e péssimo", contra 44% de "regular" e 18% de "ótimo e bom", passou para 31% de "ruim e péssimo", 49% de "regu-

lar" e 20% de "ótimo e bom" na última pesquisa, depois de já ter melhorado no levantamento de 16 de agosto.

Os levantamentos da MCI são feitos por telefone, consultando mil cidadãos em 100 municípios de todas as regiões do País. Até o mês passado, o levantamento era patrocinado pelo Palácio do Planalto, mas o contrato venceu e não foi renovado pela Secretaria de Comunicação de Governo (tendo efeitos negativos de ligações familiares entre o dono do MCI, Antonio Lavareda, e o ex-secretário-geral da Presidência Eduardo Jorge Caldas Pereira).

Para não perder uma base de dados que vem de antes da primeira eleição de FHC em 1994, o próprio instituto banca as novas rodadas. A mais recente mostra também que a expectativa em re-

lação ao desemprego permanece alta: 56% acham que "vai subir" contra apenas 16% que acham que "vai diminuir". Mas o número de pessimistas há dois meses era de 67%, chegando a cair para 51% na rodada de agosto. Na percepção dos entrevistados, desemprego é o problema sobre o qual o governo mais se empenha em buscar soluções (12%), junto com violência e muito próximo da saúde e alta de preços (11%).

Para os analistas do Planalto, isso mostra, pelo menos, que os esforços do governo estão sendo percebidos. Moradia é o item com menor número de indicações (4%), outro motivo para o Orçamento de 2001 ter promovido um aumento substancial de investimentos na área: habitação e saneamento passam de R\$ 500 milhões para R\$ 1,6 bilhão, o que deve ser apenas o começo.

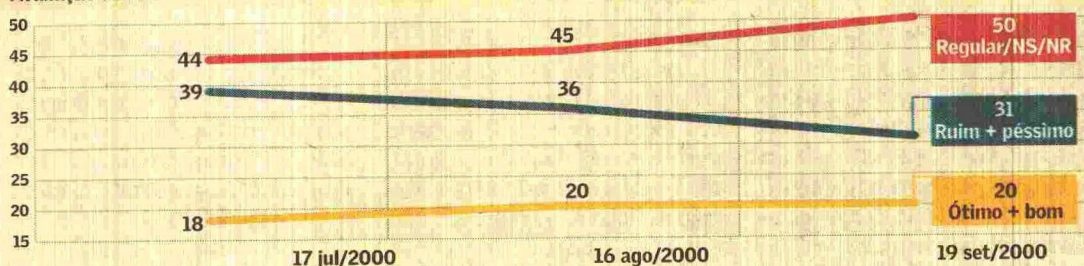
As pesquisas da MCI também procuram detectar o impacto do noticiário sobre o eleitor. O dado mais importante da rodada de maio é que 37% dos entrevistados apontaram, espontaneamente, a crise entre FHC e o governador Itamar Franco, tendo o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) como pano de fundo, como a principal notícia dos últimos dias envolvendo o governo.

Um dado que aparentemente deveria ter maior impacto no cotidiano, o aumento do preço dos combustíveis, foi mencionado em segundo lugar e por apenas 4% dos entrevistados. O eleitor continua atento a fatores políticos, como a disputa Itamar-FHC. Por isso, mesmo com bons resultados na economia e no crescimento, o governo não tem sucesso garantido por antecipação em 2002. (Colaborou Taciana Collet)

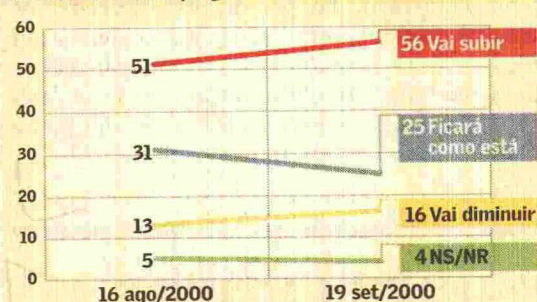
Popularidade em recuperação

A rejeição ao presidente diminui, mais ainda supera o percentual daqueles que elogiam o governo

Avaliação de FHC



Como fica o desemprego



Fonte: MCI - Marketing, Estratégia e Comunicação Institucional LTDA.

O Brasil em 2001

